



EDITORIAL



PORTE
PAGO

História da Electricidade em Portugal

A «electricidade», uma vez reconhecida a sua força como vector dinamizador do progresso social, tornou-se um problema básico nas coordenadas políticas. Lá se instalou para não sair. Tem sido observada sob aspectos muito variados, sempre em torno de uma questão central de natureza socioeconómica: o uso da energia eléctrica pelas populações e sectores da actividade económica. Primeiro as produções locais. Depois as gerações centralizadas. Em seguida as interligações, no plano nacional e ao nível internacional. Entretanto a passagem da potência hidráulica para a térmica. Daí a progressiva hegemonia do petróleo. Por fim, o regresso ao carvão. Para quando o nuclear? E todo o cotejo de energias novas e antigas, renováveis e diversificadoras, em conjunto com tecnologias de conservação energética e previsões de procura a longo prazo tendo em conta presumíveis índices de crescimento nacional.

As decisões tomadas desde o início do século, as variadas opiniões entre pessoas intervenientes, os planos arquitectados e os factos implementados, aspirações e perspectivas, desencantos e motivações, êxitos ou enganos — tantos são os tópicos aliciantes que suscitam o apetite para escrever uma obra sobre a historicidade da energia eléctrica em Portugal. Um livro de cunho sociológico, com raízes históricas e baseado na realidade vivida.

A ideia já nos aquece há meia dúzia de anos. Começou pelo projecto, excessivamente ambicioso,

de escrever uma História da Engenharia em Portugal. Durante o período em que nos propuzemos recolher informações acerca do passado tecnológico nacional fomos estreitando os objectivos pretendidos, à medida que as dificuldades nos revelavam a extensa dimensão dessa ansiedade. Talvez um dia se reúnam condições que levem a tamanha perspectivação. Para começar, melhor será reduzir os anseios à Engenharia Electrotécnica. E, mesmo assim, não será errado ficar pelo campo da energia eléctrica, abstraindo segmentos de telecomunicações ou electrónica. A electricidade, encarada como sector das actividades económicas, tem de facto diversas histórias. Analisar a evolução das estruturas da energia eléctrica no nosso País, só por si, já é tarefa de grande monta.

Dir-se-á que este trabalho é excessivo para um único fôlego. E com razão. Mas uma primeira contribuição, sob vistas globalizantes e integrando as orientações políticas no tecido socioeconómico, pode ser feita em poucos anos de trabalho dedicado, principalmente se houver apoios interessados e participativos. Arquitectamos o modo de concretizar tais intenções no plano universitário. Só nos faltam os meios financeiros. Estes, porém, justificam-se pela generosidade dos resultados que se julgam alcançar, patenteando as arquitecturas organizacionais e enobrecendo os elos dos mecanismos da evolução. Como se instrumentalizaram as decisões?

Que actores contracenaram no palco sociopolítico? Quais as consequências das estratégias delineadas? Onde mergulharam as esperanças de uns e se elevaram os anseios de outros?

Já passaram muitas décadas sobre a arrancada da electrificação de Portugal. Nas bibliotecas encontram-se documentos dispersos que permitem reconstituir discussões basilares. Além disso, os testemunhos vivos, ainda existentes, poderão aquilatar melhor do entrosamento de cada parcela, evitando distorções e indefinições. Os exames plurifacetados deixam esculpir a melhor imagem. Há que aproveitar essas recordações em tempo real.

Aqui na Redacção da revista «ELECTRICIDADE. ENERGIA. ELECTRÓNICA» passámos tardes agradáveis em diálogo com o Eng.º Ferreira do Amaral, infelizmente sem registo magnético, à volta das histórias que se teceram na prática governativa do sector electrotécnico. Hoje retemos uma imagem vaga do que foi a época heroica das barragens, que as palavras não foram fixadas. Este exemplo mostra bem a importância de levar à estampa uma História autêntica da electricidade veiculada pelos portugueses.

Neste sentido têm contribuído os engenheiros que, desde há 28 anos, imprimem nestas páginas os resultados do respectivo trabalho profissional. Muitas gerações deixaram aqui sinais dos tempos. Existe pois um rico conteúdo para uma boa reflexão. Em particular, lembramos as análises históricas de

figuras do passado pela expressiva pena do Eng.º Mariz Simões e as retrospectivas das C.R.G.E. (Companhias Reunidas de Gás e Electricidade) segundo o Eng.º Emmanuel Michez, um luso-belga que continua a lembrar nomes de portugueses que anonimamente têm ajudado a construir o Mundo⁽¹⁾. Estes exemplos são claros quanto à importância de crónicas singulares para inserção num plano global. Lamentamos seriamente que nos últimos anos não tivéssemos conseguido obter semelhantes testemunhos. Por isso fazemos neste momento um apelo a todos os que acreditam no significado destes apontamentos para que enviem relatos, episódicos ou circunstanciados, sobre a Engenharia Portuguesa. Prometemos criar uma secção especial, que lhes configure o relevo merecido.

Embora esta sugestão satisfaça as características de uma publicação periódica, parece que os limites do possível ficam mais além. A digestão dos arquivos de instituições dedicadas permitirá documentar as descrições orais de raras testemunhas ou complementar as recordações alinhavadas em retrospectivas pontuais. Há um manancial importante de documentos, que apodrece aqui ou ali, sem benefício nem mérito. Ainda sentimos ressoar nos ouvidos as palavras do Eng.º Sousa Soares sobre o abandono de preciosos estudos elaborados em Angola, atirados para os corredores de lixo, sem contemplação nem meios termos. O mesmo fim está predestinado às folhas de papel que se amontoam nas estantes de várias empresas ou nas caves das repartições, antes que a luz prolongue nas modernas microfichas o rasto dessas existências. Tudo será tragado pelos vermes, sem mérito nem benefício — se não for traçado o ambicionado livro documental.

Chegamos assim a um ponto crucial deste raciocínio: o dever de dar à História o valor que ela tem. Hoje a Electricidade de Portugal (EDP) assume um papel fulcral na questão energética, evidenciando os fins nacionais quanto à energia eléctrica e pela detenção dos meios que concretizam essas finalidades. Mal se descobrem interessados mais directos na publicação de uma «História da Electricidade em Portugal», embora o Ministério da Indústria e Energia também não deva ficar alheio. Supomos que a matéria é expressiva para informar o público em geral e formar um resíduo cultural indispensável ao homem comum. No momento em que se penetra pela Europa adentro, será uma óptima informação a transmitir aos outros povos: como evoluíram as estruturas da energia eléctrica entre nós, o que eramos e o que somos na pegada daquilo que queremos ser.

Esta noção alcandorou-se na nossa mente ao ler a mensagem que o novo Conselho de Gerência da EDP endereçou aos trabalhadores, quando recentemente assumiu as suas funções⁽²⁾: «...A conjuntura actual, o sentido de mudança que se apresenta à sociedade portuguesa pela sua entrada na CEE e o desenvolvimento socioeconómico do País, impõem-nos normas de conduta de grande responsabilidade, com vista ao cumprimento dos objectivos essenciais caracterizadores do Sector Eléctrico Nacional...». A leitura que fazemos deste nobre sentido de responsabilidade converge com as aspirações apontadas. Por isso se apresenta esta proposta aberta.

As novas gerações só ouvem falar da EDP e não se apercebem do imenso e valoroso esforço emprestado na sua génese. Sabem que há uma empresa enorme no contexto nacional mas desconhecem que houve tempos em que a indús-

tria de produção e distribuição de energia eléctrica teve outra articulação. As políticas definidas em 1944, 1960 e 1976 devem ser analisadas nas suas causas e consequências. Convém dissecar os antigos regimes de concessão das redes primárias e secundárias, as razões do crescimento da grande distribuição e a organização da pequena distribuição; quais os condicionantes e os estímulos que levaram a instituir em 1951 a acção coordenadora do Repartidor Nacional de Cargas, até ao fenómeno da nacionalização pela agregação das empresas produtoras com a responsável pelo transporte de energia eléctrica (CPE — Companhia Portuguesa de Electricidade) e ainda distribuidoras locais.

A economia da energia eléctrica, associada à política energética, constitui um tema alicianante. As suas bases assentam no desenvolvimento social e tecnológico, que só os repositórios históricos conseguem definir claramente.

Não se trata de ideia original, que por esse mundo além outros exemplos análogos são conhecidos. A integração Indústria — Universidade é aliás o paradigma mais frequente para essa realização. Neste enquadramento o caso francês da EdF surge com forte pujança⁽³⁾. Será que também a EDP apoia a sugestão? Ou o espectro da crise não permite que se elabore tão impressiva reflexão? Uma História da Electricidade em Portugal poderá identificar valores essenciais à definição do futuro.

Hermínio Duarte-Ramos

(1) «Bulletin de la Chambre de Commerce Belge au Portugal, n.º 235, Juin 1985.

(2) «Rede Eléctrica», n.º 51, Maio de 1985.

(3) «Histoire(s) de l'EdF», por J.-F. Picard, A. Beltran, M. Bungech; Dunod, 1985.